

# A CRÍTICA RADICAL DA RELIGIÃO É A CRÍTICADO ATEISMO

THIAGO LION E THIAGO CALHEIROS \*

Em relação ao tema “religião”, a postura “mais avançada” dos críticos tem sido sempre a do “ateísmo”, se opondo ao fenômeno religioso. Essa postura de simples negação, porém, além de não compreender o próprio fenômeno religioso, apresenta limitações na compreensão da própria realidade que possibilita a existência da religião. Deste modo, o crédulo ateu não pode compreender que a própria realidade na qual ele vive é também metafísica, tão religiosa e incoerente quanto às religiões que combate. Deste modo, pretendemos demonstrar que a crítica radical de base marxiana constitui-se igualmente em crítica do ateísmo. Esperamos, com isso, retirar alguns preconceitos que se tornam um impeditivo *a priori* para a militância utilizar o que há de emancipador por debaixo do invólucro místico das religiões.

### O “MECANISMO” DA RELIGIÃO

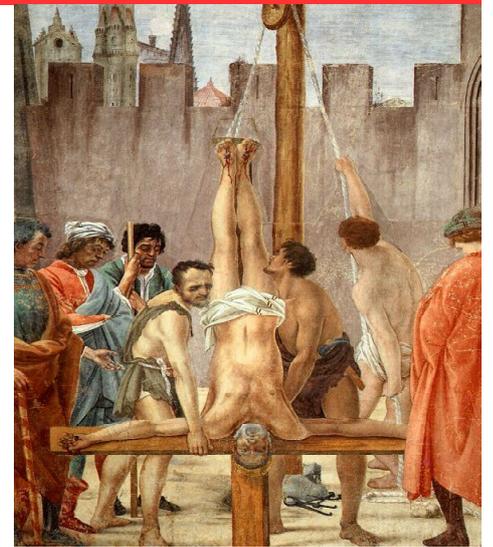
Pode-se dizer que o mecanismo básico de funcionamento da religião é a alienação, ou seja, a transferência para outro ser de seu destino, de seu controle, de sua essência. Este outro ser, a divindade, é, no entanto, criado pela projeção das próprias relações sociais entre os homens. Na religião, os homens acabam por substituir sua autoconstrução consciente por um ser criador de si mesmo. Até aqui em quase nada diferimos do ateísmo em seu sentido tradicional, vez que deus aparece até agora como algo subjetivo, que depende da subjetividade humana para existir. Este subjetivismo religioso se opõe ao mundo real, onde as coisas acontecem de fato e não apenas em pensamento, o que justificaria a caracterização da divindade como um mero *delírio*.

Tomando as religiões como mera alienação subjetiva, o ateísmo não consegue perceber que elas têm um sentido de desenvolvimento na história que vai de religiões mais simples para mais complexas no desenvolvimento do mundo dos homens. Como os ateus veem o divino como algo do pensamento e não da realidade (onde deus “não existe”), deixam de, por vezes, procurar na própria realidade

a causa da formação de tal imaginação no cérebro e na vida do homem. Não compreendem assim como a própria religião é um fenômeno constituído e constituidor dessa própria realidade. Não percebem como essa mesma realidade é por si “religiosa”. **A pergunta mais importante para o esclarecimento não é a clássica “Deus existe?”, mas sim a que, superando este ponto, acaba por questionar: Por que o homem se aliena? Por que ele acredita ter sido criado pela divindade que ele mesmo criou? Como uma idéia que ele mesmo cria “adquire vida”, torna-se relação social e passa a lhe dominar?** A resposta para isso não pode ser dada a partir da constatação de casos individuais de conversão, como, por vezes, o senso comum busca fazer. Para entendermos a verdade da religião temos que recorrer à análise histórica, levando em conta a estrutura das sociedades que deram origem às diversas representações religiosas de mundo. A história das religiões é a história das formas de representação do mundo pelas sociedades; compreendendo o desenvolver das religiões, entende-se o desenvolver da consciência do homem, abrindo-se a porta para uma crítica do próprio caráter irracional da forma atual de representação do mundo, inclusive aquela que se apegava ao ateísmo.

### O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS RELIGIÕES

**A divindade é criada na mente das pessoas, mas não na de uma só e sim nas mentes e relações sociais do conjunto das pessoas que vivem aquela realidade social.** Em sua história, os homens quase nunca puderam escolher uma religião. A escolha livre de religião é um fenômeno tipicamente moderno. Isso porque nos tempos passados a dita “religião” é uma forma total de cultura, uma forma completa de entender o mundo que se articula como direito, como moral, como política, como economia etc. O considerado justo ou correto não era de acordo com algum tipo de lei que pudesse



ser diferente da religião, pois a religião era a própria lei; aliás, só se pode falar de “uma religião”, como algo separado das outras esferas da vida, no próprio capitalismo, vez que só neste os vários aspectos da vida se fragmentam e se autonomizam. O mesmo fenômeno que no passado podemos atribuir o nome de religião pode igualmente ser compreendido com o nome de cultura, pois representa o todo indistinto da visão de mundo das pessoas em determinada sociedade e não uma opção de crença desvinculada de outros conjuntos da vida social, como hoje, que a religião é um aspecto tão subjetivo - e por vezes menos importante - que a escolha de um time de futebol.

Nos primórdios das sociedades humanas, quando o homem começava a desenvolver a linguagem e com ela a sua consciência, a representação do mundo era dominada por elementos que hoje consideraríamos místicos, ilusórios. Na infância da humanidade, para nossos ancestrais, cada ser vivo e cada objeto tinha uma *anima* (uma alma, uma vontade). Tudo tinha alma, pois o próprio jeito de entender a existência de algo era atribuindo-lhe uma; como hoje, ainda, para podermos transportar o significado de algo, precisamos de um nome. A mera atribuição de uma alma para cada coisa é um avanço da consciência que possibilita conhecer cada coisa em separado. Quando o homem entende que sua alma não é forte para vencer a alma da árvore, mas que quando

unida à alma da pedra é possível vencer, ele estabelece uma relação de causalidade entre usar uma coisa (pedra) para derrubar outra (árvore). Assim ele significa e articula relações incompreensíveis para quem ainda não identifica todos os seres como portadores de uma alma, como “algo” que existe.

Quando uma tribo de coletores primitivos encontra cereais selvagens e os consome, devolvendo parte para a terra de onde o cereal brotou, percebem que mais cereal brotou na estação seguinte. Assim, formam-se os mitos ligados à origem da agricultura. Forma-se, assim, um ritual para os deuses da natureza, um ritual que a nossos olhos seria irracional, mas que representa um avanço geral na consciência do homem em relação aos estágios anteriores, articulando uma causalidade que permite o início da agricultura, abrindo as portas para o surgimento da civilização. A representação destes níveis de desenvolvimento cultural muito primitivos não são mera ilusão, mas são formas reais de conhecimento do funcionamento do mundo, a descoberta de uma causalidade antes não conhecida. **Aqui não se pode caracterizar os mitos como mero delírio subjetivo, eles não são um conhecimento falso do mundo; os mitos representam a verdade deste próprio mundo dos homens, o que também é, por outro lado, um dado nível novo de esclarecimento sobre o funcionamento deste. Se, para os ateus, isso parece delírio é só porque eles estão tão crentes de sua verdade e de sua ciência que ficaram cegos. Esta cegueira, a cegueira do dogma, justamente a que pensam combater, os coloca no mesmo nível do cristão que critica o pagão, do jesuítico colonizador europeu que entendeu as crenças indígenas como absurdas. Esta cegueira impossibilita compreender como a própria realidade é até hoje metafísica, como ainda se sustenta por ídolos criados pelo próprio homem.**

A forma de representação totêmica, existente nas sociedades mais primitivas em que o homem ainda está muito submerso na natureza, é substituída por outra forma de entendimento do mundo quando começam as primeiras civilizações. De uma tribo que produz coletivamente a sociedade adquire pouco a pouco uma

forma hierarquizada onde há a exploração de uma classe social por outra. A produção de excedente então alcançada *possibilita* que surja toda uma classe social que sobreviva à custa de outra. As primeiras grandes civilizações do Egito, Mesopotâmia e China têm formações sociais com líderes despóticos, gerando uma nova forma de representação religiosa. Todo poder da comunidade, antes projetado no totem (uma árvore ou um canguru, por exemplo), agora é projetado em um homem e refletido secundariamente sobre outros integrantes de sua classe social. **Há assim uma inversão, e o que é fruto do desenvolvimento social, do desenvolvimento coletivo, parece agora derivar de algumas figuras (pessoas) que se tornam deuses.** O mundo passa a ser visto como um todo comandado por uma divindade encarnada na figura do rei – um faraó com um séquito de súditos igualmente sobre-humanos. Estas figuras em geral antropomórficas (corpo de homem e cabeça de animal), não escondem seus resquícios ainda não eliminados da época totêmica. Tais formas animais serão completamente apagadas quando os homens não estiverem mais submetidos a um único rei, mas quando as transformações sociais os impelirem a começar a produzir por sua própria conta para vender em um mercado onde possam exprimir sua vontade como comerciantes em pé de igualdade – colocando assim uma relação de identidade clara entre os homens e em *oposição* ao resto da natureza. Esta identidade entre homens é que então passará a ser projetada por sua consciência.

Com o começo da produção em pequenos clãs possibilitada pelo domínio da metalurgia do ferro, entre os gregos surge um panteão de deuses que reflete este novo avanço. Sua representação religiosa cria deuses com feições humanas, deuses que representam relações, desejos e atributos claramente humanos. É que a sociedade já se afastara tanto da natureza que não se identifica mais com o restante do mundo natural, e novos sentimentos, que se tornarão próprios da humanidade a partir deste momento, surgem projetados nos deuses. Estes sentimentos representados por deuses, no entanto, não deixam dúvida: são na realidade sentimentos que estão nascendo nos humanos, mas que estes só podem compreender vendo-os

projetados na divindade. Na Grécia antiga, por volta do século VIII A.C, surge Diké, a deusa da justiça que representa a igualdade em oposição à divindade mais antiga, a Titã Thêmis, encarada como a justiça da nobreza, que se pautava por relações servis desiguais, guardiã do justo como tradição dependente da linhagem. Esta forma de luta ideológica projetada nos deuses é ela mesma a luta entre a classe dos camponeses e dos mercadores (que começa a surgir) e seu ideal de igualdade (dos quais o comércio depende) em oposição à antiga nobreza, que defendia seu privilégio, visto como algo divino.

**O processo de desenvolvimento da religião é, antes de qualquer outra coisa, um processo de autoconhecimento do homem, no qual ele capta a realidade a partir da projeção de sua organização social.**

Quanto mais se desenvolve o homem, mais esta projeção das qualidades humanas pela identificação do homem com seu gênero, e não com a natureza, se torna nítida, e mais os deuses assumem formas humanas. No cristianismo, talvez a mais “desenvolvida” das religiões, este processo alcança um ponto em que se mostra de maneira ainda mais clara: a projeção da humanidade na divindade acaba gerando Jesus Cristo, um deus nascido de uma humana e que existe sob a forma humana de carne e osso. O homem se vê em Jesus, ele vê seu reflexo como humano, mas um reflexo ainda virado de ponta-cabeça, pois o humano lá revelado, ainda que de carne e osso, se projeta como Deus. No sacrifício de Cristo, se mostra simbolicamente a culpa que todos temos e pela qual ao mesmo tempo não somos responsáveis; a culpa gerada pelo fetichismo que nos controla e que, assim, *fazemos sem saber*. Amar o próximo como a si mesmo, tolerar, dividir o pão, essa é a boa nova que deve ser praticada e ensinada a todos para que sejamos salvos. Essa é a mensagem que deu origem no começo de nossa era ao comunismo cristão primitivo, e que, no essencial, desvencilhada do invólucro místico, não difere daquele que será o lema de uma sociedade emancipada “de cada um conforme sua necessidade, a cada um conforme sua capacidade”.

Conforme se vê, **o fenômeno religioso, aqui, não é um falseamento da realidade, não é uma mera ilusão, antes é um avanço na forma de**

**interpretação do mundo por conta dos avanços da própria sociedade – constituindo assim uma forma historicamente válida e real de conhecimento do mundo.** É claro que, com novos passos de entendimento da relação da natureza, a manutenção de formas anteriores de entendimento torna-se uma contradição reacionária – e mesmo mera ilusão subjetiva, **o que não eram no passado.**

O caráter progressista que pode ser atribuído ao ateísmo encerra-se na crítica desta contradição, pois num mundo onde o agir religioso se mantém pela emulação das práticas mercantis (numa verdadeira subsunção dos preceitos religiosos tradicionais à vida mercantil) ou mesmo numa sociedade em que o agir religioso tradicional praticamente já desapareceu (no sentido de uma vida de acordo com a religião e não meramente de ir às missas ao domingo) aparece o ateísmo como uma irracionalidade também gigantesca, quando o mesmo continua a se limitar a dizer “o deus metafísico não existe”. Isto é, por si, se colocar no mesmo âmbito “dos céus”, tal qual o religioso; quando que, verdadeiramente, o que deve ser feito é uma crítica “terrena da terra”.

### **A RELIGIÃO DE NOSSOS DIAS**

Em nossos dias a religião se torna cada vez mais um fenômeno subjetivo, ligado às preferências individuais de cada pessoa. O caráter obrigatório anterior, com o qual as diversas formas de religião se originaram, já desapareceu. A vida prática é cada vez mais determinada pelo modo de funcionamento do capitalismo – as pessoas têm que ter um emprego, têm de obedecer às leis do Estado em cujo território estão, seguem uma forma lógico-sistemática de pensamento nos estudos, etc. Sobra para a religião o espaço na mente daqueles que “crêem”; a fé deixa de ser um fenômeno social imperativo e assume assim uma forma

**“ HOJE, MESMO O MAIS FIEL CRISTÃO NÃO CONSEGUE CUMPRIR UM DÉCIMO DO QUE A BÍBLIA PRESCREVE COMO MODO DE VIDA EXEMPLAR, E ISSO NÃO PORQUE NÃO QUEIRA, MAS PORQUE É IMPOSSÍVEL SEQUER COMER NOS DIAS ATUAIS SEM ESTAR DIRETAMENTE CONECTADO À PRÁTICA CAPITALISTA EM SUAS CATEGORIAS BÁSICAS COMO DINHEIRO, TRABALHO, DIREITO, CIÊNCIA ETC ”**

individualizada. **Hoje, mesmo o mais fiel cristão não consegue cumprir um décimo do que a bíblia prescreve como modo de vida exemplar, e isso não porque não queira, mas porque é impossível sequer comer nos dias atuais sem estar diretamente conectado à prática capitalista em suas categorias básicas como dinheiro, trabalho, direito, ciência etc. O cristão já não é mais seguidor da mensagem libertadora de Cristo, mas da reinterpretação do que há de místico em sua figura a partir do imperativo capitalista do lucro. Não lhe importa mais a solidariedade, a tolerância, a divisão de seus bens com todos, mas sim enriquecer, acumular. Por isso, diz o filósofo e psicanalista Wilhelm Reich, que hoje, se voltasse à terra, quem assassinar Jesus Cristo seriam os próprios cristãos.**

A prática religiosa foi desbancada pela prática mercantil; mas como esta é a prática do individualismo, é possível manter a religião como algo individual – contanto que não atrapalhe o funcionamento do sistema econômico; ou seja, que fique restrita só ao pensamento ou mesmo sirva para manter e aprofundar o sistema então vigente. A crítica ateísta se preocupa em combater este pensamento que ainda se coloca como véu na mente de muitos, mas ela própria não se dá conta de que a prática religiosa em seu sentido tradicional já desapareceu e outra prática, igualmente incoerente, tomou seu lugar. Na luta contra a incoerência, que é a parte da religião criticada pelos ateus, o que realmente importa é criticar a prática que possibilita o individualismo e o capitalismo como um todo, que possibilita a manutenção da incoerência. É penetrar no que ainda há de religioso em nossa própria prática, mas não no religioso no sentido estritamente divino, e sim no

sentido *real* de uma projeção social que gera uma alienação, um controle cego da nossa sociedade por algo que nós mesmos **c r i a m o s** inconscientemente. Aqui o ateísmo não tem nada a dizer, pois apenas declara a não existência daquilo

que já não existe. É preciso trazer a descrença para a própria prática do ateu possibilitando perceber nela a alienação.

Na divindade o homem aliena o controle de sua vida para uma ideia que ele mesmo criou conforme seu convívio social; no capitalismo, um fenômeno muito parecido opera cotidianamente. As coisas que o homem produz com seu trabalho acabam, uma vez produzidas sob esta determinada forma, dominando o homem – do mesmo jeito que sua ideia antes o dominava. Isso se dá não apenas no sentido classicamente afirmado de que a máquina domina o homem – e assim o capital domina o trabalho, mas em sentido muito mais profundo. **A relação social mercadoria é uma relação humana de comparação abstrata entre as coisas, efetuada por meio da troca, que acaba por projetar nestes produtos um valor, seu “parâmetro de comparabilidade”. O valor não é algo próprio da matéria, não é algo físico e nenhum cientista conseguirá vê-lo com um microscópio, pois ele é a projeção de um tipo de relação social sobre as coisas, que assim se tornam mercadorias. Em uma comunidade primitiva, o produto do trabalho não era trocado; assim, as coisas não se apresentavam como tendo um valor (uma certa quantidade de trabalho, representada pelo dinheiro).** Com o comércio, inicia-se esta projeção que dominará toda a sociedade com a chegada do capitalismo; o capital (uma relação social caracterizada como utilização do dinheiro para gerar mais dinheiro) decide nosso destino. Pela própria prática das pessoas no mercado as coisas se tornam portadoras de valor e assim os homens se relacionam *por meio das coisas*, como se esta fosse a única forma possível de ser. De modo similar, relações sociais pré-capitalistas projetavam, pela própria prática das pessoas, a aparência de que o mundo era habitado por divindades que estabelecem o destino da sociedade. Nos dois casos, as relações sociais projetam uma forma de entendimento do mundo que serve justamente à manutenção daquelas mesmas relações, que aparecem como decorrências naturais, ou “justas”, mas que uma análise mais profunda revela como incoerentes.

Tentando ser mais claro: **a alienação religiosa é a projeção das relações sociais na ideia de uma**

**divindade, que aparece como se tivesse criado a humanidade – e não o contrário. A sociedade passa a ser dominada de fato por meio desta ideia que ela mesma criou, e passa a seguir rituais, sacrifícios (inclusive humanos) etc. No capitalismo, as relações de troca conduzidas pelos humanos, fazem as coisas terem um valor (uma propriedade que elas fisicamente não têm, senão por meio da própria ação humana) e gerar o “mercado”, que acaba por dominar toda a sociedade. O mercado, para o qual são produzidas todas as coisas, aparece como uma vontade independente dos homens, como se tivesse vida e até humor próprio.** Salta aos olhos a cega ideia de que o mercado seja o promotor do “bem comum”, que em qualquer tempo ou situação assegurará o melhor a todos por meio de sua “mão invisível”, termo que por si já revela um dogma de perfil tipicamente religioso. Muitos, como os defensores de um “estado de bem-estar social”, percebem a irracionalidade do sistema neste nível, mas ao invés de criticá-la e avançar para construir algo novo que supere tal estado de coisas, advogam um novo tipo de ritual para agradar os ânimos do Deus-mercado – criar trabalho desnecessário, ou necessário apenas do ponto de vista da própria criação de valor abstrato. A tosca afirmação de que o modo atual de funcionamento da sociedade é derivado da própria natureza é só uma atualização do mito de que as coisas são como são por vontade divina – nos dois casos os homens afastam sua responsabilidade na construção de sua própria realidade, projetando-a para o exterior, seja para Deus ou para o Mercado.

O mercado e seu domínio abstrato não se limitam à própria economia. As decisões em todas as instâncias e áreas são baseadas nas “vontades” deste mecanismo abstrato, uma verdadeira *divindade prática*. Tudo em nossa sociedade é feito no intuito de gerar mais dinheiro e não de diretamente suprir necessidades humanas. **Na relação social mercadoria, o produto da mão do homem passa a dominá-lo como se fosse de uma realidade independente da ação dos sujeitos, algo inescapável. Este fetiche que está na cabeça dos homens controla sua vida social, pois são suas próprias**

**relações sociais, decidindo mesmo sobre a vida e a morte. Hoje mais de um bilhão de pessoas passam fome e única razão para isso é que a produção de comida para eles não é tão rentável quanto a de artigos de luxo.** Esta abstração que existe na realidade é ela mesma criada pela prática social dos homens e não um fenômeno natural e inescapável, algo independente de nossas relações. De modo similar ao que as pessoas eram atiradas à fogueira na inquisição, por conta de uma crença cega em deus oriunda da própria prática inconsciente dos homens, no capitalismo, pela própria prática por nós reproduzida (que nos aparece como algo existente por si só) milhões morrem de fome. Nossa sociedade ainda não é conscientemente administrada, mas antes guiada por um ente abstrato, o mercado, que nós mesmos criamos, mas não controlamos. Este ente derivado de nossa própria prática é semelhante ao primitivo totem, semelhante às várias divindades que guiaram nossa vida por entre os séculos, uma representação fetichista das relações que nós mesmos reproduzimos, algo que *fazemos sem saber*.

**Assim, podemos dizer que o desenrolar histórico da religião é o desenrolar das formas de compreensão de relações sociais que lhe deram causa. Declarar a não existência do divino não basta; é necessário compreender como ele surgiu, se desenvolveu e desapareceu na história. Por detrás da representação, há uma história real das relações nas sociedades e do desenvolvimento da consciência humana. Compreendendo-se o fetiche existente na religião, facilita-se a compreensão do fetiche em suas misteriosas formas “terrenas”, como o mercado, o Estado, o direito, o dinheiro etc.** Adentrar aqui em profundidade na base teórica que permite c o m p r e e n d e r conjuntamente todos estes fenômenos, a crítica do chamado *fetichismo da mercadoria*, no entanto, só tornaria mais confusa a explicação deste tema já muito amplo e

complicado. Deste modo, contentamo-nos aqui em explicitar a inconsciência de nossa prática social, deixar evidentes as incoerências “religiosas” de nosso modo de ser no mundo, para que o ateu entenda o fetichismo de sua própria posição e liberte-se de seu preconceito.

Na luta pela superação da exploração precisamos do apoio de todas as tendências que historicamente contra ela se levantaram; precisamos de uma frente ampla a favor da socialização, da solidariedade. O cristianismo representa, em sua mensagem original, um poderoso argumento contra a exploração. Por que a esquerda crítica não consegue utilizar este discurso que a princípio lhe seria tão favorável? Entre outros motivos, isto se deve a seu preconceito de tomar o essencial do fenômeno religioso não como forma de consciência, mas como mistificação. Assim se nega *a priori* como ilusão, como delírio, todo o conhecimento que a humanidade reuniu por milênios na narrativa religiosa. Nega-se também a compreensão do *fetichismo da mercadoria*, espécie de fenômeno religioso que constitui a base de funcionamento do próprio capitalismo, e, talvez, ainda pior: nega-se ao debate ideológico por dentro da religião, deixando para a direita capitalizar politicamente os que creem e que ainda representam a esmagadora maioria da população. Ainda: isola e desmobiliza aqueles progressistas e revolucionários que tem algum tipo de crença religiosa, colocando a identidade como ateu antes da identidade como pessoa que quer superar o capitalismo. Esperamos ter contribuído para acabar com este preconceito.

\*Adaptação reduzida, por Thiago Calheiros, do artigo *Para a Crítica do Ateísmo*, de Thiago Lion, com revisão do próprio autor.

